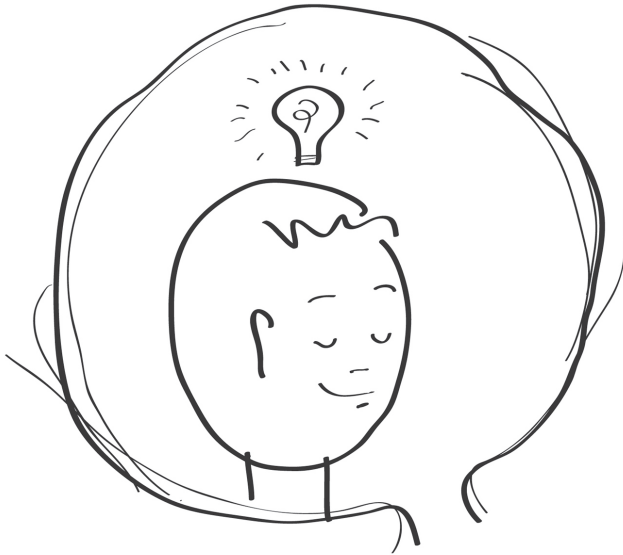


[ROSANE PRECIOSA]

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Professora do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). É coorganizadora de *Moda em zigzague: interfaces e expansões* e autora dos livros *Produção estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida* e *Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escritura em processo*.
E-mail: rosane_preciosa@yahoo.com.br



[17]

Das imagens que nos abraçam¹

Ilustração: Caio Borges
Formado em Artes Plásticas pela FAAP.
Integra a equipe do Estúdio Onze
<www.estudioonze.com.br>.



Vemos coisas demais. Será possível ainda nos surpreendermos com algo? Nossa resposta tende a ser um "sim". Parece ser imperativo trafegar nesse "inferno" de imagens para poder distinguir, nele, o que não é inferno. É necessário abrir espaço nesse ambiente infernal: não há outro. Mas isso exige de nós deliberado empenho para resistir às imagens que nos transmitem sinuosamente visões totalitárias, que se dependuram em nós, ávidas por se reproduzir em palavras de ordem.

"O olhar é hoje a figura hegemônica da sociabilidade urbana", nos diz o antropólogo francês David Le Breton, em seu livro *Antropologia do corpo e modernidade*.² Visões e audições acompanham nossos trajetos pelas cidades, e são tão inúmeros e intensos os estímulos que sucumbiríamos se deles tomássemos toda a consciência. Mas talvez seja preciso não perdê-la totalmente. Afinal, se caminhamos numa "floresta de signos", estes nos reivindicam de volta um olhar atencioso, reclamando cada vez mais seleção e leitura. Do contrário, afundamos numa patética miscelânea de estímulos cuja reação é apenas estupor paralisante.

Pois bem, como caminhar pelas cidades em meio à sua cacofonia visual, mas não só, como caminhar também pela web, e por todo seu arsenal de Tumblers, Instagrams, Pinterests e Flickers, sem que nos prostremos como meras criaturas mesmerizadas com o poder de tais imagens? Como nos esgueiramos pelas brechas de tais vias, espreitando modos de refrescar nosso olhar que quase o tempo todo é capturado por um redemoinho de desejos que nos deixa zonzos?

Estamos inundados de imagens. Do nascimento à morte, somos sugestionados pelos universos que elas nos convidam a frequentar, e certamente isso é algo exponencial em nossos dias. Diariamente, temos que polir nossa personalidade, essa subjetividade orientada quase exclusivamente para uma exteriorização de si, construída com toneladas de imagens circulantes, cujo valor de troca não pode ser negligenciado de forma alguma, um sistema em que as vivências precisam ser expostas, sob pena de se tornar ilegítimas. Está contente? Então tire uma foto, poste imediatamente no Instagram, comente no Twitter/Facebook e escreva no seu blogue. Exponha para todo mundo quão feliz você é!

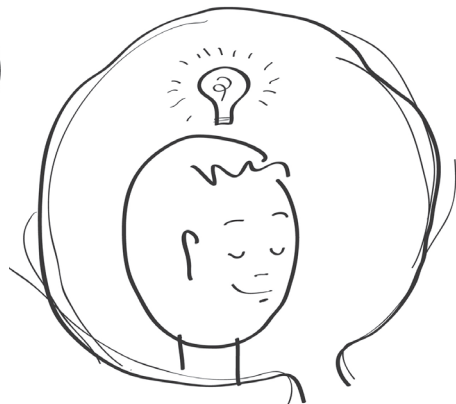
[18]

Diante dessa ameaça, na qual é quase certo sucumbir, todos temos telhado de vidro, prontamente atenderemos a esse projeto vitrina insano nos quais vamos nos tornando e, de alguma forma, contribuindo para azeitar essa máquina de multirreferências visuais, que nos demanda uma adesão tão veloz que mal nos dá tempo para depurar aquelas que de fato nos afetam, compõem conosco, articulam montagens mais inesperadas, interrogam nossa existência e nos livram dos excessos de uma vida apenas plugada em modos de viver assentados em desejos redundantes. O mais maluco disso tudo é pensar que desejo nunca é desejo de alguma coisa, e ponto final, é intransitivo: deseja-se. Isso quer dizer que existe aí um trabalho laborioso do próprio capitalismo de apequenar o imaginário, de forma a que ele se acomode em recipientes estreitos. É claro que ele esperneia, quer se expandir, mas a gente finge que não ouve, se aperta numa caixinha e se convence de que está tudo bem.

Um anúncio da Chanel, por exemplo, sabemos, revela bem mais do que uma bolsa nele divulgada. Sofisticação, simplicidade, atemporalidade e independência feminina são atributos colocados nas entrelinhas da imagem para que consigamos (e queiramos) fazer esta ponte entre aquilo que temos e aquilo que a imagem nos oferece. É discurso!

O truque talvez seja, contudo, considerá-las e acatá-las como construções possíveis, mas não definitivas de nós mesmos ou de um mundo ao nosso redor. Ainda que de alguma forma possamos admitir que contribuam para expandir modos de sentir, pensar e agir, elas podem também servir de efeito contrário, enclausurando e elegendo como soberana apenas uma maneira de enxergar e de se posicionar perante a vida.





Uma soberania que, visitando a história da arte, é questionada e denunciada por diversas vezes. Seja nas obras de Duchamp – e aqui queremos enfatizar tão somente um singelo viés, sua ideia ao falar de seus *ready-mades*, e não é o caso de se pôr a contemplá-los, mas apenas reparar distraidamente neles, e isso já basta, recusando qualquer espécie de olhar místico em tornos deles – ou na sequência inicial de *Um Cão Andaluz*³, em que a personagem tem seu olho talhado. Aqui, o lugar dessa visão todo-poderosa é desestabilizado e colocado em cheque, para que a partir daí possam ser pensadas outras possíveis maneiras de se olhar para as coisas que nos rodeiam.

No âmbito das imagens de moda, não é preciso recuar muito no tempo para que vejamos rupturas com certas visões previamente codificadas. Mesmo na década de 1990, herdeira da pompa desenfreada da anterior, vemos o irromper do visual *heroin-chic*, que destoa dos padrões já vigentes. Se a década anterior foi uma festa que prometia ser infinita, a chegada dos anos 90 vem como uma ressaca dessa comemoração.

Essa breve visitação histórica nos dá a dimensão de que, se já fomos tanta coisa antes, decerto poderemos ser muitas outras. É preciso desconfiar de tudo que nos é transmitido como natural, como consensualidade, como “sempre foi assim”.

Com Roland Barthes, aprendemos que uma imagem diz muito sobre uma sociedade que a produz e consome. E ao consumirmos essas toneladas de poderosas imagens que nos cinzelam, de algum jeito autorizamos certa vida que parece seguir seu curso, aparentemente sem tropeços, e nos esquecemos de que outras vias laterais, atalhos, desvios podem nos beneficiar com outras coordenadas bem mais vitais. Mas é claro que isso vai depender muito do que cada um de nós deseja inventar para si. É uma questão de micropolítica. Cada qual deve diagnosticar o que lhe é intolerável, lhe sufoca.

Partilhamos o que se convencionou chamar de “civilização da imagem” e, certamente, não somos os primeiros a nos alarmar com que isso vem representando para nós. A pior versão disso é o encolhimento de nossa imaginação, já saturada de formas, visões e audições, que são apenas replicadas sem cerimônia no dia a dia. Outra, bem mais desafiadora, aposta na potência de evocar repertórios imaginativos que curto-circuitam as formas prontas. Nessa hora, pensamos logo na criação artística como a única capaz de engendrar fabulações jamais pensadas, que desencadeiam “mutações nos sistemas coletivos de visão e audição”, como nos dirá Félix Guattari⁴. Mas é ele próprio quem vai afirmar também que a criação não é monopólio dos artistas. Ele expande essa ideia ao dizer que existe uma criatividade subjetiva disseminada por aí, que irrompe de forma imprevista e descontínua. Como é bom repetir isso!

Uma atitude para alargar nossa visão talvez seja desacostumar nosso olhar de um funcionamento já esgotado. Assim como Perseu vence a Medusa olhando-a de viés, salvando-se, assim, de ser petrificado, devemos experimentar olhares oblíquos, lidando com as imagens não diretamente, mas de maneira astuta e sofisticadamente estratégica.

NOTAS

[1] Este texto foi escrito em parceria com Henrique Reis, aluno do Instituto de Artes e Design da UFJF, onde leciono, e com quem venho trocando estimulantes ideias.

[2] LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

[3] Título original *Un Chien Andalou*. Este curta-metragem de origem francesa, lançado em 1929, com roteiro coescrito por Salvador Dalí, marcou a estreia de Luis Buñuel como diretor.

[4] GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.